

PARA ALÉM DO ENEM: EDUCAÇÃO FÍSICA E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS**BEYOND ENEM: PHYSICAL EDUCATION AND THE CHALLENGES OF EDUCATING CITIZENS****MÁS ALLÁ DEL ENEM (EXAMEN NACIONAL DE ENSEÑANZA MEDIA): LA EDUCACIÓN FÍSICA Y LOS DESAFÍOS DE LA FORMACIÓN CIUDADANA**

10.56238/revgeov16n5-321

Tiego Dias Trindade

Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens no Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL)
Universidade Franciscana (UFN)
E-mail: tiego.trindade@ufn.edu.br

Diego Carlos Zanella

Doutor em Filosofia
Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Professor e coordenador do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL) da Universidade Franciscana (UFN)
E-mail: diego.zanella@ufn.edu.br

Francisco Jose Pereira Tavares

Doutor em Educação Física
Instituição: Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
E-mail: franciscojptavares@gmail.com

Márcio Paulo Cenci

Doutor em Filosofia
Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Professor do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPGEHL) da Universidade Franciscana (UFN)
E-mail: mpcenci@prof.ufn.edu.br

RESUMO

A Educação Física desempenha um papel crucial na formação humana. Sempre exerceu um papel importante na promoção da saúde e do bem-estar das pessoas. Ao integrar conhecimentos teóricos e práticos sobre educação e sociedade, promove a valorização da atividade física e do esporte para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e motoras. Com isso contribui para a formação de cidadãos conscientes, ativos e participativos. Contudo, a Educação Física ao ser incluída como uma das disciplinas que está no rol das matrizes do ENEM mudou seu status dentro da escola. O objetivo desse artigo é analisar as implicações dessa inclusão na prática de ensino de professores de Educação



Física e suas consequências no planejamento das aulas. O corpus de análise será um conjunto de planos de aula do ano de 2023 aplicados para o Terceiro Ano de um colégio militar do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Ensino. Humanidades. Educação Integral. Práticas de Ensino.

ABSTRACT

Physical education plays a crucial role in human formation. It has always played an important role in promoting people's health and well-being. By integrating theoretical and practical knowledge about education and society, it promotes the value of physical activity and sport for the development of socio-emotional and motor skills. It thus contributes to the formation of aware, active and participative citizens. However, when Physical Education was included as one of the subjects in the ENEM matrices, it changed its status within the school. The aim of this article is to analyze the implications of this inclusion in the teaching practice of Physical Education teachers and its consequences for lesson planning. The corpus of analysis will be a set of lesson plans from the year 2023 applied to the Third Year of a military school in Rio Grande do Sul.

Keywords: Teaching. Humanities. Integral Education. Teaching Practices.

RESUMEN

La Educación Física desempeña un papel crucial en el desarrollo humano. Siempre ha desempeñado un papel importante en la promoción de la salud y el bienestar de las personas. Al integrar conocimientos teóricos y prácticos sobre educación y sociedad, promueve la valoración de la actividad física y el deporte para el desarrollo de habilidades socioemocionales y motoras. Esto contribuye a la formación de ciudadanos conscientes, activos y participativos. Sin embargo, la inclusión de la Educación Física como una de las asignaturas del ENEM (Examen Nacional de Enseñanza Media) ha cambiado su estatus dentro de la escuela. El objetivo de este artículo es analizar las implicaciones de esta inclusión en la práctica docente del profesorado de Educación Física y sus consecuencias en la planificación de las clases. El corpus de análisis consistirá en un conjunto de planes de clase de 2023 aplicados al tercer año de una escuela militar en Rio Grande do Sul.

Palabras clave: Docencia. Humanidades. Educación Integral. Prácticas Docentes.



1 INTRODUÇÃO

A Educação Física passou por muitas transformações no decorrer da história, tendo, inclusive, outras nomenclaturas. No seu início, era vista como um meio de preparação para o combate e a guerra, refletindo os valores e as necessidades de cada época. À medida que evoluiu a compreensão de suas características, sobre o que a Educação Física representava para os povos e sua relação com a educação e seu ambiente, a disciplina passou a ser reconhecida como um componente essencial da educação integral (Bagnara; Boscatto, 2022; Silva, 2015).

Hoje, a Educação Física desempenha um papel crucial na formação dos alunos, para que tenham consciência como indivíduos de sua sociedade. Além disso, exerce um papel importante na promoção da saúde e do bem-estar das pessoas. Assim, ao integrar conhecimentos teóricos e práticos sobre educação e sociedade, promover a valorização da atividade física e do esporte para incentivar nas pessoas a busca pelo esporte como meio de melhoria da saúde, e – por meio do esporte – o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e motoras, ela contribui para a formação de cidadãos conscientes, ativos e participativos (Vieira, *et al.*, 2023; Xavier; Knuth, 2017).

Ao longo dos últimos séculos, a Educação Física experimentou uma profunda reformulação, influenciada por avanços científicos, seja para preparação física, seja para melhorias na saúde. De fato, a prática sistemática de atividades físicas não é uma manifestação exclusiva da cultura contemporânea, mas se dá no início da humanidade e vem acompanhando e se desenvolvendo conforme a cultura, sociedade e época em que está inserida (Silva, 2015, Alves, 2013; Oliveira, 2011; Souza, 1997; Verenguer, 1993).

O surgimento de tecnologias, teorias e metodologias que valorizam a área, a autonomia e a inclusão marcaram uma nova era para a disciplina, na qual o desenvolvimento integral do aluno (físico, emocional, cognitivo e social) passou a ser o foco central dos professores da área.

O professor de Educação Física também passou por mudanças em sua formação e atuação. Com a introdução da Educação Física como conteúdo no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), produziu-se mudanças no escopo, formatação da aula, até mesmo do local onde a sua aula tradicionalmente se realizava (Brasil, 2023).

Nesse contexto de crescente ênfase nas disciplinas teóricas, a Educação Física emerge como uma presença significativa na Matriz de Referência do ENEM (Brasil, 2023), promovendo uma mudança substancial nas expectativas dos alunos em relação à disciplina. Essa mudança recai sobre os professores de Educação Física, agora reconhecidos como agentes relevantes no processo de ingresso dos alunos ao ensino superior. Em decorrência dessa nova dinâmica, os professores são instados a uma profunda reestruturação das práticas pedagógicas (Nunes e Rubio, 2008). Há a necessidade de adaptação e atualização de metodologias para atender às demandas impostas pelo novo modelo de ingresso ao ensino superior.



Para tanto, é preciso refletir acerca do que as mudanças nas leis e nos processos ocasionam. Tais reformas atendem às expectativas da população ou são apenas paliativos na tentativa de modernizar a escola e as formas de ensino no Brasil. A Educação Física ao ser incluída como uma das disciplinas que está no rol das matrizes do ENEM mudou seu status dentro da escola? Ocorreu alguma mudança na prática de ensino do professor? Como essa mudança ocorreu? O objetivo desse artigo é analisar a produção de planos de aula de um professor de Educação Física do Terceiro ano de um Colégio Militar do Rio Grande do Sul para analisar se há implicações da inclusão da disciplina com conteúdos na matriz do ENEM.

2 A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS DESAFIOS DO ENEM

Em 1998, o ENEM foi instituído com o propósito inicial de fornecer subsídios ao Ministério da Educação (MEC) para avaliar o Ensino Médio em todo o país, contribuindo para a formulação de um plano anual de ensino que apoiasse uma política nacional voltada para a melhoria do ensino público, conforme preconizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 2023; 2018, 2000).

A Matriz de Referência do ENEM, disponível no *site* do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Brasil, 2023), primeiramente apresenta os Eixos Cognitivos, nos quais ela dá amplitude aos conhecimentos comuns a todas as áreas, mas direcionando para o âmbito em que a Educação Física está inserida.

A abordagem desse tema se torna relevante diante da exigência imposta pelo ENEM, que transformou a aula de Educação Física em uma disciplina que demanda estudo teórico por parte dos alunos, deixando de ser exclusivamente um espaço de interação, saúde física e mental, lazer, jogos e brincadeiras e passando a incorporar aspectos formais da sala de aula, que tradicionalmente implica a absorção de conteúdos ministrados pelo professor.

Conforme observado por Reina e Silva (2020), reconhecemos que o ambiente de ensino da Educação Física transcende a configuração tradicional da sala de aula, estendendo-se a outros espaços, como ginásios, pistas de atletismo, salas de ginástica, piscinas, entre outros. Dessa forma, a disciplina está constantemente situada fora do modelo convencional de sala de aula, que se caracteriza pelo arranjo formal de cadeiras, mesas e quadro. Um processo complexo que de acordo com Reina e Silva (2020, p. 981),

(...) passa pelo gerir da sala de aula pelo professor, que tem papel relevante no trato das ações que se manifestam na particularidade de suas salas de aula, chamamos atenção, pois a peculiaridade dos objetivos e dos conteúdos a serem trabalhados, onde denominamos sala de aula uma quadra, um pátio, um barracão, até a tradicional sala de aula com carteiras, lousa e giz, fazendo com que ele planeje, organize, controle o tempo, a disciplina em perspectivas diferentes.



Com a criação do SISU (Sistema de Seleção Unificada), no qual a Educação Física faz parte dos conteúdos, houve uma mudança, conforme descrevem Reina e Silva (2020, p. 980): “Nos últimos anos, a Disciplina de Educação Física escolar vem ganhando um status importante na reestruturação dos comportamentos e condutas dos alunos no interior da escola,” haja vista que, na prova do ENEM, há questões sobre esse componente curricular nesse certame.

Com isso, a sala e a aula de Educação Física mudaram. Novelli (1997, p. 44) assim define sala de aula: “Uma sala é inicialmente um espaço que pode ou não ser ocupado. Quando se trata da sala de aula, o espaço deve necessariamente ser ocupado. Isso se deve ao fato de que a sala de aula é um espaço socialmente instituído. É um espaço historicamente conquistado e construído.” As paredes físicas não delimitam o espaço da sala de aula. Tal espaço é um espaço em que o professor possui autonomia para organizar os processos de ensino. Ela se configura também como um espaço de partilha. “A sala de aula partilha a categoria da espacialidade com outros espaços, mas a forma de sua ocupação cria a sua especificidade. Portanto, não basta a existência possível da sala de aula para que esta se torne sala de aula” Novelli (1997, p. 44). A partilha é o espaço para a interdisciplinaridade, isso porque na sala de aula de Educação Física se manifesta na integração com outros componentes curriculares. Por exemplo, a aula de Biologia pode se deslocar do ambiente convencional para o campo gramado, permitindo a observação dos animais, insetos e plantas presentes nesse espaço. Da mesma forma, a aula de Matemática pode ser realizada no ginásio, possibilitando a medição de distâncias e áreas relacionadas às linhas demarcadas para a prática de determinados esportes.

Nesse sentido, Novelli, Reina e Silva referem que “o desenvolvimento do ensino [...] se dá em ambientes muitas vezes diversos das salas de aula tradicional, quadras esportivas, pátios, barracões tornam-se espaços pedagógicos de aquisição do conhecimento científico da área por parte do aluno” (2020, p. 984). Assim, a aula de Educação Física e a aprendizagem de seus conteúdos extrapola a sala de aula formal e usa o espaço da escola, como um todo.

Porém, “devido a isso, a escolha do conteúdo, a divisão dos grupos de trabalho, o tempo de realização da prática, fica condicionada à realidade desse espaço, mediante a seleção e utilização de materiais que deverão ser disponibilizados para a aprendizagem do aluno” (Reina e Silva, 2020, p. 985). Nesse contexto, no espaço de aula em que a aula será conduzida, trabalhada ou efetuada, o professor que deverá, anteriormente, prever e modelar, a saber, planejar a aula, conforme a disponibilidade de locais.

Bertini Junior e Tassoni (2013, p. 469) afirmam que

a Educação Física tem possibilidades de desenvolver capacidades importantes além das físicomotoras, como por exemplo, a consciência coletiva e o conviver em grupo. Os jogos são exemplos claros de reprodução na quadra e o que está por vir fora dela, no que se refere ao respeito e às formas de se relacionar.



As aulas de Educação Física têm como um dos objetivos socializar as crianças e os adolescentes. Podem ter como dinâmica as compreensões sobre sociedades, as vivências e interações para reforçar vínculos de humanidade dos alunos e entre os alunos.

Bertini Junior e Tassoni (2013, p. 469) reforçam o papel da Educação Física enquanto componente curricular: “deve se livrar de velhos dogmas e assumir o seu papel diante do ambiente escolar, protagonizando o processo educativo e não mais como coadjuvante.” A Educação Física dentro da escola esteve sempre aquém do processo educacional, muitas vezes no contrário, até com certo despréstígio. Essa discussão sobre o papel da Educação Física dentro da escola reforçou sua natureza como disciplina que contribui para a produção de conhecimento pelos alunos, para o desenvolvimento cognitivo e para as relações interpessoais. Ela não é meramente uma disciplina que visa condicionar o corpo físico ou preparar atletas, pois,

nos últimos anos, tem-se levantado um questionamento em torno do papel da Educação Física dentro da escola, diante de uma perspectiva crítica que se contrapõe à tradicional, essencialmente técnica, que valoriza os desportos em detrimento da formação global. Já se percebe uma intencionalidade de mudança na Educação Física escolar (Bertini Junior e Tassoni, 2013, p. 469).

Com isso, nos últimos anos, essas mudanças na formatação das aulas de Educação Física ocasionaram uma ruptura dentro da escola. De um caráter de Educação Física para formar atletas, passou para a Educação Física voltada para o desenvolvimento completo do aluno (Bertini Junior, Tassoni, 2013).

A Educação Física é parte integrante desse processo de aprendizagem. “Como consequência desta ideia pode-se esperar que a Educação Física escolar cumpra o seu papel, ou seja, garantir ao aluno a aquisição de conhecimentos próprios para que, com autonomia, possa desfrutar da relação movimento humano/meio ambiente” (Verenguer, 1995, 73).

3 DESAFIOS PARA O PLANEJAMENTO DE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O professor de Educação Física, com aulas no 3º ano do Ensino Médio, depara-se com duas situações distintas: aulas expositivas com os conteúdos programáticos do ENEM e as aulas com as atividades físicas e recreativas. Precisa considerar essas situações para organizar seu planejamento durante o ano letivo. Não temos a intenção de qualificar o trabalho do professor e, muito menos, mostrar ou apontar erros e acertos. Objetiva-se mostrar a mudança na organização e elaboração das aulas de Educação Física com a implementação do ENEM para o ingresso dos alunos do Ensino Médio nas Universidades.

A Educação Física torna-se relevante na organização dos saberes da escola para determinar a formação integral dos alunos, pois não oferecer essa formação coloca em xeque a “perspectiva de



totalidade” (Soares *et al.*, 2009, p. 30). Como isso, espera-se um impacto positivo no aproveitamento escolar que pode se refletir na aprovação em uma seleção, como o ENEM. Mas “estruturar um programa de Educação Física ou de outra disciplina e selecionar os seus conteúdos é um problema metodológico básico” (Soares *et al.* 2012, p. 61).

O principal documento para o professor iniciar o ano letivo com seus alunos é o plano de aula. Contudo, o professor tem como *start* para o ano letivo a matriz de referência do ENEM, para que os alunos possam ter a preparação adequada. Em outras palavras, tendo em vista a formação dos estudantes para as seleções do tipo ENEM, o professor precisa tomar essa matriz de referência para preparar o ano letivo. Mas essa matriz é o único referencial relevante? Na caminhada por seus 200 dias letivos em sala de aula, o professor na escola “deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade” (Soares *et al.* 2009, p. 63).

Não é o caso de avaliar as crenças do professor acerca da nova abordagem da Educação Física e nem saber como era ou é o currículo dos cursos de Educação Física nas universidades. O professor, antes do primeiro dia de aula, já deve ter conhecimento de qual matriz orienta, como as competências devem ser desenvolvidas e quais os conteúdos a serem trabalhados nas atividades docentes.

Então, o professor de Educação Física integra-se ao processo educacional, sendo que os conteúdos da disciplina devem estar de tal modo estruturados para que os alunos, além de se ocuparem nas atividades físicas e recreativas, precisam se preparar em conteúdos para poderem ter um desempenho excelente também nos exames seletivos que prestarem. Isso revela que os alunos precisam estudar para realizar provas em Educação Física.

Collier (2021) menciona que “a disciplina deve promover uma aprendizagem para além das técnicas de execução, discutindo regras e estratégias, criticando, analisando, avaliando, ressignificando e recriando” (p. 176). Dessa forma, ele está de acordo com a nova dimensão dada ao professor de Educação Física, pois, nesse novo contexto, precisa se deslocar da quadra para adentrar ao espaço das atividades de sala de aula.

Nesse novo cenário, conforme Soares *et al.* (2009, p. 64),

uma nova compreensão da Educação Física implica considerar certos critérios pelos quais os conteúdos serão organizados, sistematizados e distribuídos dentro de tempo pedagogicamente necessário para a sua assimilação. A título de exemplo, vejamos como um mesmo conteúdo pode ser tratado em todos os níveis escolares numa evolução espiralada.

Mesmo com a primeira impressão do livro feita no ano de 1992, os autores já prospectavam que a Educação Física passaria por profundas mudanças em sua maneira de preparação da aula e de que maneira os professores formados e os que viriam a se formar no futuro teriam que conceber suas aulas.



Tenório *et al.* (2017, p. 1183) fazem alusão ao currículo da Educação Física, indicando que,

ao se apropriarem de orientações da proposta curricular, os PEF revelam elementos de interação e decisão acerca dos fundamentos da política educacional, não como mera aproximação ou distanciamento do que aponta um documento oficial, mas, principalmente, pela mobilização de saberes/poderes/quereres envolvidos na prática pedagógica. Assim, as análises realizadas dão a entender que os professores vivenciam e realizam um movimento de apropriação e produção curricular diante de orientações advindas do documento oficial.

O documento de orientação da proposta curricular, nesse caso, seria a Matriz de Referência do ENEM (Brasil, 2023). O professor terá de preparar todo seu material necessário para o ensino e aprendizagem do aluno, sendo tal material que dará suporte para seu estudo e preparação para a prova, sem cair em um “um praticismo que termine nas velhas e conhecidas receitas.” (Soares *et al.*, 2009, p. 85).

Quando Soares refere que “talvez seja este o momento mais difícil deste trabalho” (Soares *et al.*, 2009, p. 85), considera uma nova preparação do professor de EF e, para isso, “exige uma nova concepção de método.” Assim coloca-se o ao professor, ser conteudista com livros, apostilas, cadernos, entre outros, ou ser aquele que oferece aulas práticas e expositivas, dentro da quadra e/ou ginásio com brincadeiras. Contudo, talvez este seja um falso dilema, em que se pensa como opções auto-excludentes, o que impede de considerarmos o professor capaz de estabelecer a interação entre os dois modelos.

Soares *et al.* (2009, p. 86) trazem à discussão, lá em 1992, a seguinte estratégia: “por isso, entendemos a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física.” Pode-se levantar a hipótese de que, sob a emergência da matriz referencial do ENEM, essa intencionalidade na aula está voltada ao aluno apreender o conhecimento para que, no momento da prova do ENEM, tenha condições de desempenhá-la adequadamente (Bagnara; Boscatto, 2022).

Ao professor, exige-se que prepare sua aula de Educação Física com as aulas expositivas que contemplem esportes, danças, atividades lúdicas recreativas, questões de saúde etc., justamente consonante aos elementos elencados nas Matrizes do ENEM. Não se sugere que a aula de Educação Física, anterior ao ENEM, não passasse por um planejamento. Com as demandas específicas do ENEM, o ensino do esporte voltado ao rendimento e/ou desempenho precisa se adaptar também às exigências de uma avaliação de múltipla escolha.

Assim, na condição de licenciados para atuar no processo de formação escolar dos sujeitos, é inegável que os docentes não podem agir unicamente a partir de seus próprios princípios ou interesses particulares, mas, sobretudo, devem observar os documentos e diretrizes legais que regem o sistema educacional brasileiro (Bagnara; Boscatto, 2022, p. 3).



Os autores pontuam para o que o professor da escola deve atentar com relação a sua preparação de aula. Com isso, criam-se melhores condições para desenvolver uma formação voltadas a interesses de formação mais amplos e não meramente aos interesses particulares do professor. Assim, uma matriz como a do ENEM oferece maior objetividade aos assuntos desenvolvidos em Educação Física. Nesse sentido, os autores revelam uma preocupação de constantes mudanças e adequações à legislação (Bagnara; Boscatto, 2022).

Além disso, o professor deve estar atento a outros documentos orientadores, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conforme descrevem Pereira *et al.* (2023, p. 2), “o documento apresenta seis unidades temáticas a serem desenvolvidas, sendo elas Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura”. O professor precisa preparar suas aulas e temáticas de sala de aula, considerando também a BNCC, sem desconsiderar a matriz do ENEM.

“Nesse sentido, necessita-se, de antemão, compreender essa etapa de ensino em suas nuances e particularidades no contexto do projeto de escolarização brasileiro” (Nazário; Santos; Ferreira Neto, 2023, p. 3). Eles mostram que o professor deve estar atento às mudanças nos conteúdos e no que deverá servir de base para suas aulas. Ainda compreendem que, no Brasil, há um projeto de orientação do ensino explicitado mais claramente pela BNCC. De fato, ao longo de todo o ano letivo, pode haver alterações nas bibliografias sugeridas e, com isso, mudanças no que será solicitado como conteúdo do exame seletivo do ano corrente.

Os estudantes estão inseridos no processo e devem ser vozes ativas para a formação da “escolarização brasileira”. Não devem esquecer que a escola se faz com democracia.

Para isso é necessário que os jovens sejam ouvidos de acordo com a expressão de seus dilemas, conflitos e sugestões, visto que as identidades desses sujeitos têm conexão com o lugar social pertencido, logo não há uma juventude homogênea, mas sim juventudes (Nazário; Santos; Ferreira Neto, 2023, p. 3).

Viver na democracia deve ser um aprendizado que é responsabilidade da escola, a fim de que todos da comunidade escolar possam ajudar no processo de formação e autoformação. Mercau, na introdução de seu texto sobre John Dewey, aponta que a democracia “parecia suficiente para assegurar a paz entre diferentes povos e a harmonia entre habitantes de um mesmo país” (2022, p. 1), embora ela sempre emerja a partir de um dissenso. A escola não é um país, mas, no convívio social desse ambiente, há diferenças entre os estudantes, entre os pais, os professores, os gestores e os funcionários da escola, e todos buscam o diálogo para determinar o bem comum.

Mercau (2022, p. 5) pondera que “a comunicação livre, o debate público, a persuasão racional e a ação de compartilhar estejam integrados em nossas práticas cotidianas” para que haja democracia. Por isso, todos os entes que fazem parte devem tomar conhecimento do que é discutido, e essas ideias devem ser partilhadas para que causem uma união dessa perspectiva integrando a comunidade escolar.



Mercau ainda menciona que “o sujeito se constitui enquanto se relaciona com o outro, adotando seu ponto de vista” (2022, p. 5). Nesse sentido, o professor de Educação Física, ao elaborar e apresentar seu plano de aula, constitui-se como um sujeito que mostra à comunidade escolar seu plano de formação dos estudantes, ou seja, como pretende, ao final de ano, oferecer ao aluno o conhecimento necessário da Educação Física e, como tal, por consequência, será imprescindível ao ENEM.

A matriz de referência do ENEM como um fator de motivação a mais na prática educativa precisa ser analisada com atenção. De fato, para Mercau “a motivação não pode ser vista como um obstáculo à tarefa de cooperação social, mas como elemento modificável de um processo no qual emoções e atitudes desempenham um papel decisivo no processo de escolha e ação” (p. 6). Nesse aspecto, Mercau (2022) sinaliza que a modificação do processo deve ser contínua durante o ano letivo ou, até mesmo, na elaboração dos planos de aula. Se o professor prepara sua aula e seu conteúdo conforme o que a BNCC ou as Matrizes pedem, não é impossível, consoante às solicitações de seus alunos, modificar seu planejamento a fim de satisfazer as motivações da comunidade escolar acerca da formação almejada.

Contudo, o professor deve atentar para uma nova percepção da Educação Física. Nesse sentido, conforme Darido *et al.* (2001, p. 19), alguns aspectos “nos auxiliam na compreensão de uma proposta de Educação Física cidadã: a) o princípio da inclusão; b) as dimensões dos conteúdos (atitudinais, conceituais e procedimentais); c) e os temas transversais.” É necessária uma consideração acerca dessas três propostas para a montagem e estruturação da aula de Educação Física, pois a aula vai além, como veremos em seguida, de apenas jogar, aprender sobre as regras do esporte e exercícios físicos necessários para que o aluno possa ter bom desempenho no jogo.

Com relação à exclusão, Darido *et al.* (2001, p. 20) ressaltam que,

em Educação Física [...] a exclusão das práticas de atividades físicas dos menos habilidosos, dos “gordinhos”, dos portadores de necessidades especiais, dos que usam óculos, das meninas em determinados esportes, entre outros, são exemplos que mostram a extensão da complexidade do problema.

Nesses aspectos, o professor deve estar preparado e preparar sua aula para que contemple todos os alunos da turma, e que não seja mais um modelo de exclusão do aluno. A aula teórica deve ter um caráter de unidade e união entre os colegas, sem as separações que acontecem nas aulas práticas de Educação Física, já que os alunos têm capacidades motoras diferentes uns dos outros.

Com relação aos conteúdos atitudinais, conceituais e procedimentais para as aulas, Souza e Tavares (2019, p. 3) salientam que,



nessa conjuntura, pode-se articular que a simples vivência de uma prática corporal qualquer (dimensão procedural), por si só, não implica a existência de uma sistematização de ensino voltada para um conjunto definido de valores (dimensão atitudinal), cabendo ao professor uma ação pedagógica deliberada, no sentido de garantir o ensino desta e das outras duas dimensões do conteúdo, trabalhando-as de forma conjunta dentro da sua práxis educativa.

Há um aspecto de formação atitudinal que se revela na formação de valores no aluno. Portanto, a aula de Educação Física considera a dimensão do procedural, mas exige também, em uma visão de conjunto, considerar os valores que formam o aluno como pessoa.

Souza e Tavares (2019, p. 6) trazem suas observações com relação à aula e o que ela representa para os discentes:

Constata-se que, ao propor situações que coloquem o aluno em confronto com a necessidade de se posicionar e de tomar decisões frente a situações conflituosas em relação às regras das respectivas atividades, o referido professor acredita estar estimulando uma prática direcionada para uma participação discente mais autônoma e colaborativa, com o exercício do diálogo e do respeito aos combinados.

O esporte, mesmo aquele que exige alto rendimento, tem um caráter de proporcionar ao aluno uma formação para além da mera técnica esportiva. Conforme Souza e Tavares (2019, p. 5), “a opção pelas práticas esportivas está atrelada à compreensão de que estas podem promover desenvolvimento do ‘espírito’ tanto da competição, como da cooperação, por meio da construção do esforço coletivo.”

Para Milani e Darido (2016, p. 454), “as regras são necessárias para que os jogos e esportes ocorram de forma organizada, justa e igualitária para todos os competidores”. Dessa forma, o jogo ajuda na compreensão de que há regras, mas os autores compreendem que, na escola, as regras não precisam, necessariamente, “ser as mesmas do esporte institucional, elas podem e devem ser adaptadas à realidade escolar” (2016, p. 454). Dessa forma, contribui-se para que o aluno desenvolva autonomia e se responsabilize pelo jogo. Pois qual seria o sentido de regras que excluem pessoas? Nesse caso, a mudança das regras do jogo pode ser entendida como uma forma de permitir que todos possam participar. É o que apontam Darido *et al.* (2001, p. 20) sobre os menos habilidosos dentro da aula de Educação Física. Vale citar aqui um exemplo de mudança nas regras do jogo: no Voleibol, permitir que a bola possa quicar uma vez ao solo antes de ser tocada é uma maneira para de permitir que os menos habilidosos no esporte possam jogar.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE DE PLANOS DE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Foram analisados os planos de aula para uma turma de Terceiro Ano, de um professor de Educação Física de um colégio militar do interior do estado do Rio Grande do Sul, durante o período letivo do ano de 2023, de fevereiro a setembro. Nessa instituição, há duas turmas de alunos concluintes no Ensino Médio. Não foram analisados os planos dos outros anos de Ensino Médio (Primeiro e



Segundo anos), pois a pesquisa tinha como âmbito os planos voltados aos alunos que poderiam prestar o ENEM.

Os planos de aula foram retirados da plataforma em que o professor faz o lançamento de suas aulas. Para isso, foi utilizado um aparelho celular, por meio do qual foram feitos *prints* das telas. Os *prints* foram oferecidos pelo professor da disciplina de educação física, referente ao primeiro semestre de 2023, a saber, de fevereiro a agosto, respectivamente às aulas em turma do Terceiro ano. A solicitação foi feita por mensagem de *whatsapp* que foi prontamente respondida. Os *prints* foram oferecidos livremente pelo professor, tal como lhe pareceu melhor para representar sua organização dos conteúdos. Como não há exposição de pessoa ou instituição, não implica qualquer questão de ordem ética.

Esta pesquisa restringiu-se apenas à análise dos planos de aula oferecidos pelo. Assim, os planos de aulas no formato de *prints* foram o suporte para a análise realizada aqui. Foi feita uma análise geral e selecionou-se alguns trechos que evidenciam aspectos relevantes quanto aos objetivos e planejamentos das aulas, como: desenvolvimento de conteúdo de forma procedural; atividades lúdicas; propostas alternativas à jogos na quadra; atividades em sala de aula tradicional. Esses trechos foram transcritos para uso nesse artigo.

A definição desses aspectos relevantes está baseada em Darido *et al.* (2001, p. 21) ao observarem que, “na Educação Física escolar, por conta de sua trajetória histórica e da sua tradição, a preocupação do docente centraliza-se no desenvolvimento de conteúdos de ordem procedural.” O professor de Educação Física, mesmo aquele que procura sair do enraizamento da disciplina, encontra certa resistência dos alunos ao propor novos traços e trajetos para a aula, ou seja, o professor, saindo da quadra e/ou ginásio com a aula de esportes e adentrando na sala de aula, com classes e cadeiras, fará com que os alunos tenham uma estranheza. Além disso, em muitos aspectos de sua aula, o modelo tradicional ou, usando a expressão de Milani e Darido (2016, p. 451), mantendo o “quarteto fantástico”, a saber, futebol, voleibol, basquetebol e handebol, o professor estará com a cultura de que o esporte na escola é aliado e voltado à preparação de atletas e à preparação física.

Além disso, aulas planejadas com conteúdos com atividades voltadas à ludicidade, o esporte convencional é apresentado com uma proposta de modificação das regras dos esportes, como aponta Milani e Darido (2016), para que todos possam vivenciar os jogos.

Nesse sentido, vale referir o plano de aula com data do dia 28 de março, com um período letivo, em que o professor apresentou o esporte Voleibol aos alunos, com os aspectos formais do esporte e, posteriormente, fez uma atividade livre. Cita-se a transcrição: “Início do segundo bloco do primeiro trimestre, sobre o voleibol, breve resumo sobre marcações de quadra, regras e fundamentos de jogo, após, jogo livre para conhecimento da turma sobre os espaços da quadra e posições em quadra.”



Portanto, o professor dessa escola, com relação ao seu planejamento da aula, desenvolve suas atividades em acordo com o que referem Milani e Darido (2016, p. 454):

Em todas as modalidades esportivas presentes no currículo, sugere-se que o professor ensine as regras, para que os alunos possam entender a lógica dos jogos e esportes, seja para praticá-los, ou apenas para apreciação, usufruindo desses elementos da cultura de movimento no seu dia a dia de forma crítica.

O esporte parte do processo de aprendizagem do aluno, do seu pensar criativo, da questão do entendimento das regras, haja vista que o jogo de maneira formal se assemelha à vida em sociedade, pensando no que é apresentado no Anexo A, no jogo de vôlei, há posições preestabelecidas.

No plano de aula para dia 06 de março, um período, cita-se transcrição: “Atividades cooperativas, circuito motor e lateralidade em grupos, dinâmica dos lados.” Nota-se que o professor usa atividades cooperativas e lúdicas para as aulas. Darido *et al.* (2001, p. 23) mencionam que “uma das maneiras de minimizar os efeitos da violência e da competitividade exacerbada poderia ser a aplicação de princípios dos jogos cooperativos”. No ambiente escolar, há certas questões que envolvem a competitividade entre os alunos, mas a competição ocorre até mesmo dentro da sala de aula no ambiente formal.

Reina e Silva (2020, p. 981) apontam que há “um novo pensamento na área da Educação Física que traz uma proposta que proclama democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área”. Com esse modelo de aula, o professor irá ajudar o aluno a ter melhor compreensão sobre sua vida cotidiana e escolar, sobre a sociedade, os valores, os deveres e as responsabilidades que possui.

No plano para a aula de seis (06) de abril de 2023, percebe-se que professor programou uma atividade em que todos os alunos participaram exercendo todas as funções do esporte, não somente como atletas, mas todos que fazem parte do jogo (jogadores, árbitros, mesários etc.). Cita-se transcrição:

Iniciação do sistema 4x2 simples com 2 levantadores sempre em diagonal com 4 atacantes, rodízio em W, utilizando esse sistema como base para os treinos visando as futuras competições, modelo de aula a ser utilizado como base em todas as turmas, proporcionando a vivência a todos os alunos formando 2 times de jogo e demais alunos às funções de mesa, a árbitros de linha de fundo árbitros de rede e marcação de pontos e faltas. (*sic!*)

Reina e Silva (2020, p. 985) referem que, “nessa categoria de um ensino eficaz, deduzimos que ele acontecerá quando o professor de Educação Física conseguir envolver todos os alunos de maneira integral nesse processo de ensino-aprendizagem”. Com isso, não é somente mostrar ao aluno que jogar qualquer esporte finda na preparação física, na atividade voltada ao aprimoramento técnico, entendimentos sobre a tática do jogo, mas sim tudo o que envolve uma partida. Para Santos Junior e Neira (2023), “a pedagogia moderna é herdeira desse legado pautado na ideia de progresso por meio



da razão e do desenvolvimento científico com a promessa da formação de um suposto sujeito autônomo, consciente e, sobretudo, livre.”

O professor de Educação Física passa a maior parte do tempo “engessado” ao que normatizam leis, códigos etc. Porém, na modernidade, o professor que busca o novo em Educação Física perceberá que as aulas de Educação Física “(...) culturalmente orientadas se configuram como espaço de experimentar e problematizar a ocorrência social das brincadeiras, danças, esportes, lutas e ginásticas, com vistas a propiciar uma leitura mais qualificada, e sua reelaboração conforme o contexto”. (Santos Junior; Neira, 2023, p. 04). A problematização dentro da aula ocorre quando o professor, ciente de seu local de atuação e o que busca proporcionar ao aluno como conhecimento, transforma a sua aula (um jogo, uma atividade lúdica ou até a própria preparação física) em uma atividade que vincule o aprendizado do aluno ao que acontece no mundo, incutindo no aluno os conceitos de sociedade, de autonomia, de ética etc. Bagnara e Boscatto (2022, p. 8) também apontam para esse novo modelo de aula e o que ela faz com o pensamento dos alunos:

Os conhecimentos conceituais críticos têm potencial para contribuir com a formação política do estudante, oportunizando o desenvolvimento de um processo formativo voltado para o exercício da cidadania, pautado pela produção de conhecimentos poderosos com um viés crítico-social. Nesse sentido, entendemos que a EF estaria contribuindo para potencializar aos estudantes o desenvolvimento e a desnaturalização de temáticas de uma lógica externa, relacionadas à cultura corporal de movimento e que interferem na atuação política do sujeito no espaço público em uma sociedade republicana e democrática.

O aluno, então, entende que está inserido no processo de ensino-aprendizagem e que, nesse contexto, seu argumento é um fator relevante. Também o professor demonstra e mostra ao aluno estar preparado para os desvios e mudanças que podem ocorrer em sua caminhada durante o ano letivo.

Bagnara e Boscatto (2022, p. 2) se manifestam sobre uma situação como essa com o seguinte entendimento: “Para tanto, acreditamos que a organização curricular e o desenvolvimento das aulas necessitam pautar-se nos diferentes pressupostos teórico-epistemológicos que compõem o campo acadêmico-científico da EF”. Vejamos que o campo acadêmico da Educação Física apresenta como sendo a base epistemológica em que o professor se move para desenvolver a aula. Assim, pode-se dizer que se torna capaz de, até mesmo quando algo não está no planejamento da aula, com possíveis mudanças, a partir de um diálogo entre professor e alunos, ter um desempenho relevante para garantir a formação dos estudantes.

Nesse contexto, os professores de EF são desafiados a explicitar e organizar o currículo escolar considerando os “princípios” da complexidade (estruturação progressiva), da criticidade, da profundidade e da diversidade dos conteúdos ligados à cultura corporal de movimento ao longo dos anos escolares, potencializando, neste viés, processos educativos que primam pela produção de conhecimentos. Para contribuir com esta tarefa, temos trabalhado com a ideia de que as aulas de EF podem ser desenvolvidas com base na perspectiva multidimensional dos conhecimentos (Bagnara; Boscatto, 2022, p. 2).



Ferreira e Nunes (2021, p. 3) apontam que “cada currículo, ao escolher certos conhecimentos, apresenta certa configuração e determina o que, quando e como se deve aprender, determina um tipo de sujeito.” Em consoante ao que afirmam, pode-se perceber que, na análise de todos os planos de aula, há certa simetria no que é proposto aos alunos, independentemente do conteúdo (futebol, vôlei, basquete etc.).

Claro que a aula em uma cidade, em uma rede, em um estado pode sofrer de diferenciações na sua forma. Mesmo que dentro de, por exemplo, um mesmo município, haja professores, em sua grande maioria, foram formados na mesma universidade. De acordo com Ferreira e Nunes (2021, p. 4), “em tempos de implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), torna-se necessário a realização de investigações que esmiúcem o modo como as políticas curriculares são formuladas em termos locais.” Nas palavras de Ferreira e Nunes (2021, p. 4),

entendemos que esses documentos também compõem o dispositivo de eficácia neoliberal e têm por finalidade a orientação e a definição do que será ensinado e contribuirá com a formação do sujeito da educação desejado pelas forças que articulam o governo do município com as questões globais. Aspectos que nos mobilizam a investigar: quais são as concepções de escola, de Educação Física e de sociedade anunciadas nestes documentos? Em que medida os documentos auxiliam a prática dos professores? Quais objetivos foram selecionados para favorecer a formação dos alunos? Quais sujeitos desejam formar? Os resultados dessa pesquisa tencionam contribuir para a avaliação de dirigentes e docentes no tocante às limitações e às potencialidades educativas que os documentos curriculares podem produzir nas redes de ensino e, por conseguinte, nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas.

Então, há de o professor de Educação Física inteirar-se e integrar-se ao todo, dentro do processo de formação do currículo daquela escola, ao que a sua rede está a propor como forma de “dar a aula” e quais conteúdos serão desenvolvidos e apresentados aos alunos da rede. Em escolas públicas, há, ainda, o que as Secretarias Estaduais e/ou Municipais têm como currículo para suas escolas.

Na escola, o professor, ao desenvolver o planejamento de aulas conforme o currículo para o ano letivo, estará ligado ao que a rede em que a escola está inserida propõe (Ferreira e Nunes, 2021). Assim, professor de Educação Física estará, mesmo que tenha um “caderno seu de anotações e aulas”, preparando suas aulas conforme os documentos oficiais de sua rede, de sua secretaria de educação estadual ou municipal. Nesse âmbito, por meio de seu conhecimento e experiências, buscará a melhor maneira de ensinar e transmitir o conhecimento, com a intenção de fazer com que os alunos também tenham gosto pela atividade física.

Atualmente, a Educação Física nas escolas brasileiras passa por um novo momento dentro da história da educação. Ela se tornou parte integrante do currículo escolar e desempenha um papel formativo significativo. Além de promover a saúde dos alunos, a disciplina agora está envolvida no processo de preparação dos estudantes para o futuro, auxiliando na sua formação integral. Anteriormente, a Educação Física na escola tinha como principal função a promoção da saúde e a



preparação de atletas. Consoante a isso, Costa e Terra (2023, p. 6) analisam um novo currículo com o seguinte olhar:

ao pensarmos um processo de Reestruturação Curricular e componente curricular da EF, esses elementos são potentes nessa experiência se tratando de colocar em/na disputa práticas sociais no campo da Rede Municipal algo que começou a ser revelado quando nos perguntamos quem somos nós naquele coletivo presente.

Costa e Terra (2023) destacam a importância de alinhar o processo de elaboração do novo currículo das escolas com os componentes curriculares existentes. Nesse sentido, é crucial que a Educação Física esteja preparada para as inovações presentes no contexto escolar atual. Essa preparação é fundamental para garantir que a disciplina não seja negligenciada ou esquecida como parte integrante dos componentes curriculares de uma escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor de Educação Física deve estar atento ao que o currículo escolar se propõe como conhecimento a ser apresentado aos alunos, deve elencar para suas aulas – mesmo que não tenha conhecimento ou que não tenha trabalhado com isso durante sua formação – os conteúdos que possam integrar todas as disciplinas, não sendo apenas propostos em suas aulas conhecimentos específicos da Educação Física.

Mesmo não tendo o intuito de qualificar o trabalho do professor de Educação Física, vale referir que, ao analisar os outros planos de aula percebe-se que a disposição dos conteúdos programados para o ano letivo de 2023 seguia um padrão de avanço dentro dos conteúdos. Assim, além de se ocuparem nas atividades físicas e recreativas, os estudantes precisam se preparar em conteúdos para poderem ter um desempenho excelente também nos exames seletivos que prestarem. Isso revela que eles precisam estudar para realizar provas sobre temas que envolvem Educação Física. No geral, o professor inicia o ensino do conteúdo com brincadeiras voltadas ao aprendizado do aluno em determinado esporte, com as mudanças nas regras para adaptar a atividade.

Portanto, a aula de Educação Física é muito mais do que realizar corridas, jogos e preparação física, ou mesmo uma preparação para um exame de seleção. Ela integra-se ao processo de formação do cidadão, às questões de formação de valores para a vida em sociedade.

Para além das exigências do ENEM, a Educação Física na escola se constitui um espaço de formação de alunos com valores, autônomos e colaborativos. Sendo assim, no processo de construção da aula e na montagem do planejamento anual da disciplina, o professor de Educação Física precisa incluir o tipo de abordagem, para que o aluno tenha êxito na aprendizagem com relação aos conceitos relevantes para a sociedade e para seu processo de formação.



REFERÊNCIAS

ALVES, R. O. T. **História da educação física e dos esportes**. Montes Claros: Unimontes, 2013.

BAGNARA, I. C.; BOSCATTO, J. D. A Educação Física no Ensino Médio integrado a partir dos marcos legais: da negação às possibilidades. **Educação em Revista**, v. 38, p. e26736, 2022.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hhqPjd5Ky8gzxgxf9k9Gg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BERTINI JUNIOR, N.; TASSONI, E. C. M. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 3, p. 467-483, jul. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbefe/a/Bqn9wHyTThPRXgf9XnSSVPD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência ENEM 2023**. 2023. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf. Acesso em: 16 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília, DF: MEC/SEF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

COSTA, J. A. G. R.; TERRA, D. V. Narrativas de professores de Educação Física na construção curricular em disputa: presenças e ausências em cena. **Movimento**, [S. l.], v. 29, p. e29014, 2023. DOI: 10.22456/1982-8918.119602. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/119602>. Acesso em: 7 maio 2024.

DARIDO, S. C. et al. A Educação Física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.2001.139482. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139482>. Acesso em: 16 abr. 2024.

FERREIRA, M.; NUNES, M. L. F. Diretrizes curriculares de Campinas para a Educação Física: o que está em jogo? **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. e224749, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ep/a/HMzGtMbzsxbPJpj64Tp8Hzg>. Acesso em: 19 abr. 2024

MERCAU, H. H. Democracia criativa e retórica das emoções em John Dewey. **Educação & Sociedade**, v. 43, p. e252813, 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/sCNMCNfkgHVcp8pqGw5h9Zj/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MILANI, A. G.; DARIDO, S. C. Os conteúdos atitudinais no currículo de Educação Física do estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, 2016. DOI: 10.5216/rpp.v19i2.33201.
Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/33201>. Acesso em: 15 mar. 2024.

NAZÁRIO, M. E. dos S.; SANTOS, W. dos; FERREIRA NETO, A. Protagonismo juvenil no Ensino Médio: reflexões acerca da elaboração e implementação dos jogos interclasses. **Pro-Posições**, v. 34, p. e20210132, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/LX7xMsqVx6LbPrtK8RbHXqC/>. Acesso em: 12 abr. 2024.



NOVELLI, P. G. A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, p. 43-50, ago. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/c58M6Bc7KNHW3Rp35zRBzMr/?format=pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024.

NUNES, M. L. F.; RUBIO, K. O(s) currículo(s) da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Curriculum sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 55-77, 2008. Disponível em: <http://www.Currículosemfronteiras.org/vol8iss2articles/nunes-rubio.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 2011. (Coleção Primeiros Passos, 79).

PEREIRA, B. de S. *et al.* Projeto de Educação Esportiva no Ensino Médio: análise de atitudes na Educação Física escolar. **Caminho Aberto**: revista de extensão do IFSC, [S. l.], v. 17, p. 1-27, 2023. DOI: 10.35700/2359-0599.2023.17.3398. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/3398>. Acesso em: 12 mar. 2024.

REINA, F. T.; SILVA, W. G. F. da. A gestão da sala de aula de professores de Educação Física na Educação Básica. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp2, p. 979-994, 2020. DOI: 10.22633/rpf.v24 sp2.14327. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14327>. Acesso em: 12 abr. 2024.

SANTOS JÚNIOR, F. N. dos; NEIRA, M. G. A enunciação dos saberes discentes e o currículo cultural de Educação Física. **Educação**, [S. l.], v. 48, n. 1, p. e41/1–23, 2023. DOI: 10.5902/1984644466062. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/66062>. Acesso em: 17 maio 2024.

SILVA, I. de O. I. **Introdução à Educação Física**. Indaiá: UNIASSELVI, 2015. (Série Didática; v. 5).

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia de ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2009.

SOUZA, A. L. de; TAVARES, O. Os conteúdos atitudinais nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Movimento**, v. 25, p. e25053, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/85052/54582>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SOUZA, E. P. M. de. **Ginástica geral**: uma área do conhecimento da Educação Física. 1997. 163 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/114431>. Acesso em: 11 abr. 2024.

TENÓRIO, K. M. R. *et al.* Apropriações e produções curriculares de professores de Educação Física. **Movimento**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 1177-1190, 2017. DOI: 10.22456/1982-8918.69700. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/69700>. Acesso em: 12 mar. 2024.

VERENGUER, R. de C. G. Educação física escolar: considerações sobre a formação profissional do professor e o conteúdo do componente curricular no 2º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 69-74, 1995. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.1995.139420. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139420>. Acesso em: 14 maio 2024.

VERENGUER, R. de C. G. Ginástica e Platão: que dupla é essa? **Revista Paulista de Educação Física**, v. 7, n. 1, p. 69-76, 1993. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1993.138852>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/138852>. Acesso em: 21 abr. 2024.

VIEIRA L. A. *et al.* Análise temporal da inserção de Profissionais e Residentes de Educação Física no Sistema Único de Saúde de 2009 a 2021. **Ciência saúde coletiva**, v. 28, n. 3, p. 837-850, mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023283.14092022>. Acesso em: 25 abr. 2024.

XAVIER, D.; KNUTH, A. Mapeamento da Educação Física em programas de Residência Multiprofissional em Saúde no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [S. l.], v. 21, n. 6, p. 551–560, 2017. DOI: 10.12820/rbafs.v.21n6p551-560. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/8014>. Acesso em: 18 mar. 2024.

